

A PALAVRA DO PAPA

CARLOS ALBERTO MENEZES DIREITO

Ministro do Superior Tribunal de Justiça

A presença de João Paulo II na cadeira de São Pedro tem sido marcada por sua firme determinação de revigorar a mensagem da Igreja pela paz mundial, pela espiritualidade na vida social.

Na sua mensagem de ano novo, Sua Santidade mais uma vez dirigiu a força de seu carisma pessoal pedindo aos Estados Unidos e à URSS que renunciem aos seus interesses egoístas ou ideológicos para a descoberta dos caminhos convergentes, baseados em razões humanas e morais, e não apenas técnicas, para sustar a desenfreada corrida armamentista. E ofereceu as linhas para tornar eficaz o diálogo que se inicia no dia 7, dizendo:

Um acordo será possível se os dois países estiverem conscientes de que compartilham dos mesmos riscos em matéria de sobrevivência ou destruição; o diálogo será honesto se tiverem em conta às necessidades legítimas e os interesses reais de cada um; a segurança de todos, concebida ainda hoje como equilíbrio de forças, poderia ser obtida com uma redução do nível de armamentos, se forem aceitos sistemas eficazes de controle.

E assinalou que os recursos liberados pela eliminação de corrida armamentista devem ser dedicados às grandes causas do nosso tempo: a luta contra a fome, a promoção dos direitos humanos e ao bem-estar dos povos.

O tema de sua mensagem para o Dia Mundial da Paz, instituído pela Igreja, "A paz e os jovens marcham juntos", é um bom augúrio para todos os homens de boa vontade, dispostos a compreender que o testemunho de Jesus Cristo é pela salvação da humanidade, para que esta humanidade liberte-se de tudo o que converte o homem em escravo.

Todos sentimos a necessidade de restaurar nossas esperanças no futuro. De nada adianta oferecer conforto material se antes, pelo amor e pela aproximação entre os homens, não conseguirmos alcançar o bem comum da sociedade. A perplexidade de nossos dias pode ceder lugar à certeza de um mundo mais feliz, se tomarmos efetiva consciência de que depende de nós - pessoas humanas criadas à imagem e semelhança de Deus - construir nosso próprio destino, ordenando a sociedade para a realização plena de seus membros. O primeiro grande passo é agir solidariamente com vistas à sociedade na qual vivemos o nosso dia-a-dia e à sociedade internacional para a consecução das melhores aspirações de paz e de ajuda mútua.

Já na *Mater et Magistra*, João XXIII anunciava que "a justiça e a humanidade pedem que os países ricos ajudem aos que estão em necessidade. Destruir, ou mesmo desperdiçar os bens necessários à vida de seres humanos é pecar contra ela". É a mesma lição de Paulo VI na *Populorum Progressio*, indicando os deveres para que se realize a comunhão entre as nações:

dever de solidariedade na ajuda que as nações ricas devem dar às nações subdesenvolvidas; dever de justiça social, isto é, a retificação das relações comerciais defeituosas entre os povos fortes e os povos fracos; dever de caridade universal, quer dizer, a promoção, para todos de um mundo mais humano e onde todos tenham qualquer coisa a dar e a receber, sem que o progresso de uns seja obstáculo ao desenvolvimento dos outros. O futuro da civilização mundial está dependente da solução deste grave problema.

É essa busca de justiça em todos os níveis que está no cerne das questões fundamentais que desafiam o caminhar da humanidade na presente passagem do tempo. Na doutrina social da Igreja, como adverte Pierre Bigo, a justiça encontra as suas verdadeiras dimensões: "É (...) lógico atribuir à justiça um lugar preponderante, quando reconhecemos a verdade do homem e da sociedade, porque toda conduta e toda instituição se referem à justiça."

A luta pela justiça, pela promoção do homem todo e de todos os homens, deve ser nesse ano que se inaugura com tantas perspectivas para os brasileiros o objetivo a ser perseguido com fé e esperança. Vale a pena dedicar todo o nosso esforço para construir a nossa nova República sob o primado da justiça. Depende de uma mudança de atitude interior, de um convencimento íntimo. Depende também da nossa consciência de que soluções que prescindem de critérios políticos, das razões humanas e morais, são sempre pouco promissoras para resolver os problemas da sociedade moderna. Não se diga que o objetivo a ser alcançado é muito ambicioso. Nada disso. Temos de começar logo. Não custa nada exercitar o nosso poder de escolha do uso do futuro.